

PRIMEIRAS DESCRIÇÕES DAS LÍNGUAS AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA¹

FIRST DESCRIPTIONS OF AFRICAN LANGUAGES IN PORTUGUESE

Gonçalo Fernandes

Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro
gf@utad.pt

RESUMO:

Este artigo apresenta uma visão panorâmica das primeiras descrições gramaticais das línguas nativas do centro-oeste africano dos antigos reinos do Congo e de Angola, e de Moçambique, na parte sudeste do continente africano, pelos missionários portugueses e/ou ao serviço do padroado português. Merecem particular destaque as obras *Gentio de Angola* (Lisboa 1642; Roma 1661), *Arte da Língua de Cafre* (ca. 1745 [ca. 1680]) e *Arte da Língua de Angola* (Lisboa 1697), de Francesco Pacconio S.J. (1589–1641), António do Couto, S.J. (1614–1666) e António Maria da Monte Prandone, O.F.M. (1607–1687), anónimo (fl. ca. 1680) e Pedro Dias, S.J. (1621/1622–1700), respetivamente. Também se apresenta a *Obra nova da Língua geral de mina* (Minas Gerais 1741) de António da Costa Peixoto (1703–1763), que, sendo um leigo, descreve uma língua bantu da família Kwa, falada em Minas Gerais por escravos oriundos do Golfo do Benim, na costa ocidental de África.

PALAVRAS-CHAVE: Descobrimientos Portugueses; Brasil; África; Escravatura; Historiografia Linguística; Linguística Missionária.

Introdução

As relações comerciais entre Portugal e o rei do Congo (ou manicongo) começaram ainda no século XV, logo depois de o navegador Diogo Cão (ca.1440–ca.1486) ter atingido o rio Zaire (atualmente rio Congo), em 1482.

¹ Dedico este artigo à memória saudosa do Professor Amadeu Rodrigues Torres (1924–2012), que me abriu as portas da Historiografia Linguística e me induziu o gosto pelo estudo das gramáticas antigas.

Apenas nove anos depois, em 1491, o rei Nzinga-a-Nkuwu (ca.1450–1509) foi batizado com o nome de João, a sua esposa, Ne Mbanda, com o nome de Leonor, e o seu filho mais velho, Nzinga Mvemba, com o nome de Afonso, em homenagem à família real portuguesa (LEVI, 2009, p. 370). O nome da capital do país foi alterado de M'Banza Congo para São Salvador do Congo (atualmente pertence à República de Angola e é a capital da província do Zaire e a sede do município M'Banza Congo). O comércio entre os dois países desenvolveu-se muito rapidamente e o tráfico de escravos dominou quase por completo os negócios por vários séculos, em especial por necessidade dos colonos do Brasil (ver, v.g., THORNTON, 1998, p. 118). Estima-se que até 1853 mais de 4 milhões de escravos foram levados de África para o Brasil (CASTRO, 2009, p. 47).

Juntamente com os navegadores iam também padres seculares e regulares, especialmente dominicanos, franciscanos e jesuítas. Os primeiros missionários que se estabeleceram no Congo foram os cônegos seculares de São João Evangelista (ou Loios) em 1491, o primeiro grupo de quatro jesuítas chegou em 1548, mas a Sociedade de Jesus foi gradualmente substituída pelos franciscanos a partir de 1557. Relembre-se que Sebastião José de Carvalho e Melo, o Marquês de Pombal (1699-1782), decretou o fim da Companhia de Jesus em Portugal em 1759 e expulsou os jesuítas de todas as colónias portuguesas; que em 1834 (já com o Brasil independente) o governo português suprimiu as ordens religiosas, em Portugal e todas as colónias, pelo Decreto de 30 de maio, só começando a se reinstalar a partir de 1866; que em 1910, pelo Decreto de 8 de outubro, se põe novamente em vigor o decreto da abolição das ordens religiosas de 1834; e que só em 1940, através da assinatura no Vaticano da Concordata e Acordo Missionário, em 7 de maio, o Estado Português reconhece a personalidade jurídica da Igreja Católica.

As primeiras descrições linguísticas das línguas africanas foram feitas por missionários portugueses ou ao serviço do padroado português, com o objetivo fundamental de comunicar com os povos indígenas e convertê-los à fé católica e facilitar a sua aprendizagem aos novos missionários. Estes traduziam nas línguas locais cartilhas e catecismos com as orações mais frequentes, escreviam vocabulários com as palavras mais necessárias no dia a dia, elaboravam dicionários, muitas vezes bi- ou plurilingues, e sistematizavam as respetivas gramáticas. Essas obras são hoje fundamentais para estudar a história dessas

línguas, as suas variedades dialetais, a importância que essas línguas tiveram no desenvolvimento da língua portuguesa, etc. (ver, por exemplo, ZIMMERMANN, 2004; ZWARTJES, 2011, p. 1-17). E são, quase totalmente, os primeiros documentos escritos dessas línguas, pois genericamente tratava-se de línguas ágrafas, pelo menos em África e na América. Em alguns casos, esses documentos são o único registro de uma língua entretanto já desaparecida.

1. Primeiras obras de línguas africanas

1.1 Catecismo de Gaspar da Conceição

A primeira referência a uma obra numa língua africana é um catecismo em Português-Quicongo, publicado em Évora cerca de 1556, por frei Gaspar da Conceição, O.F.M., denominado *mutatis mutandis* “Cartilha da Doutrina Christã em lingoa do Congo”. Infelizmente não temos quaisquer outras menções a esta obra para além do relato de António Pinheiro sobre uma ordem do rei de Portugal, na altura D. João III (1502–1557), que mandara escrever duas cartas, uma ao bispo de S. Tomé e outra ao rei do Congo, solicitando, essencialmente, que recebessem favoravelmente os freis Gaspar da Conceição e Estêvão de Lagos, da ordem de S. Francisco da Província da Piedade, e referindo que com eles seguiam vários exemplares da referida cartilha:

Manda El Rey Nosso Senhor que se faça carta pera o bispo de são Thomé en que lhe encomenda que fauoreça os padres frei Gaspar da Cõceipção e frey Esteuaõ de Lagos da ordẽ de saõ Francisco da obseruãcia, da prouincia da piedade, que vaõ ao Regno de Congo, ã companhia do ãbaixador de sua alteza e dos do dito Rey de Cõgo; e lhe roga que cõ eles se ãforme das cousas do Regno de ãgola e do aparelho que auerá pera a cõuersão do dito Regno de ãgola; e assi tome deles ãformaçãõ do que lhe parecer da cõuersaçãõ dos padres que ora uãõ a Cõgo, pera ver se ás algũs que naõ cõvenha passarẽ ao dito Regno; e assi os fauoreça no modo do jnsino e doutrina christã que cá fezeroã jmprimir ã lingoa da terra, pera ser mays comunicauel; e que veja se são tãbẽ as ditas Cartilhas necessarias pera o jnsino dos escravos das fazendas da dita Ilha, que não sabẽ a lingoa portuguesa e entẽderãõ muytos deles a en que as ditas Cartilhas vaõ jmprimidas, que hé a do Regno de Congo // ã Lixboa, a 12 doctubro de 1556.

// Antonio Pinheiro // ATT — CSV, vol. 9, fl. 62 (António Pinheiro citado por BRÁSIO, 1953, vol. II, p. 391-392).²

Manda El Rey Nosso Senhor que se faça carta pera El Rey de Congo en que lhe ãcomẽde muyto o fauor e bõ tratamento dos padres frei Gaspar da Cõçeipçaõ que já lá esteue e de frei Esteuaõ de Lagos seu cõpanheiro, o qual p.º frei Gaspar lhe sua alteza torna a mãdar pera sua cõsolaçaõ e por ter visto nelle quãto amor tẽ ás cousas do Regno do Congo e á conversaõ e saluaçaõ das almas dele e á mesma ãformaçaõ e conheçimento que ã pouco tempo teue do que cõpriã ao bõ ãcaminhamento das cousas de serviço de nosso Senhor no dito Regno, pera bẽ do qual Regno e dos naturaes dele procurou que se jmprimissẽ Cartilhas, ã portugues e ã lingõa do dito Regno, pera jnsino e doctrina da gẽte comũ; e assi lhe pede e roga que ã tudo o que aos dictos padres parecer que hẽ serviço de nosso Senhor ou ouça, cre[i]a e fauoreça, e assi ã ordenar collegios pera jnsino dos moços, como casas de recolhimento e co[n]võtõs pera poderẽ jr ao dicto Regno religiosos // ã Lixboa, a 12 doctubro de 1556. // Antonio Pinheiro // ATT — CSV, vol. 9, fl. 63 (António Pinheiro citado por BRÁSIO, 1953, vol. II, p. 393).

Em síntese, como fica patente nos textos, os grandes objetivos da cartilha eram o ensino da doutrina católica quer aos escravos das roças de S. Tomé que não falavam o Português e eram oriundos daquela parte do continente africano, quer aos “naturais” ou “gente comum” do reino do Congo, quer a novos missionários “moços” (presumivelmente locais), em novas “casas de recolhimento” ou “conventos”, por forma a no futuro poderem evangelizar no país.

1.2 O catecismo de Marcos Jorge, Inácio Martins e Mateus Cardoso

O primeiro livro conhecido numa língua africana é o catecismo de Marcos Jorge (1524–1571) e Inácio Martins (1531–1598), traduzido em Quicongo por

² Neste artigo, utilizámos os seguintes critérios de transcrição:

Nos textos em língua portuguesa, desdobrámos as abreviaturas, mas mantivemos as sílabas assinaladas com til, por forma a manter, o mais possível, a ortografia original; também mantivemos o uso das letras ramistas conforme o original, bem como o sinal tironiano ou o “ampersand” (&);

a) Nos textos em Latim, desdobrámos as abreviaturas, mas mantivemos o sinal tironiano (&), eliminámos os acentos pedagógicos, uniformizámos a grafia das letras ramistas, mantendo os grafemas <v> e <j> como consoantes e <u> e <i> como vogais, e uniformizamos o uso do <f> longo (ou medial) para o <s> redondo (ou terminal);

b) Nas línguas africanas, procurámos manter os textos o mais próximo possível do original.

Mateus Cardoso (1584–1625). Impresso em Lisboa em 1624, tem por título *Doutrina Christãã*. (...) *De nouo traduzida na lingoa do Reyno de Congo*. Mateus Cardoso assume-se como o principal tradutor com a ajuda de alguns falantes nativos congueses, como se vê na carta ao rei do Congo:

Estando no Collegio de Loanda Reyno de Angola fui em missão ao Reyno de Congo pera exercitar os ministérios de nossa Companhia (...): & perguntado nas doutrinas, pelas orações, achei, que as não auia na lingoa de Congo, mas em latim, que sô pode entêder, quẽ o aprendeo. E vendo quam importante era ao bẽ das almas saberẽse na propria lingoa, tratei logo de traduzir na lingoa de Congo a doutrina christãã composta pelo P. Marcos Jorge, & acrescentada pelo Padre Ignacio Martinz, ambos, da nossa Companhia. E porque não sentia em mim cabedal bastante, pera esta empresa, aproueiteime dos mestres mais insignes, que auia nessa corte, pera que a obra, saisse qual eu desejava (Matheus Cardoso citado por BRÁSIO, 1956, vol. VII, p. 287).

Embora os autores não façam qualquer análise linguística, Clement Martyn Doke (1893–1980) extraiu do catecismo algumas informações linguísticas importantes:

The orthography employed is typically Portuguese, with **cu** for **ku**, **qui** for **ki**. The difficulty encountered by using **u** with the semi-vowel value of **w** is well shewn (*sic*) in such a word as **acubôbayacuuutûla**, the later portion standing for **kuwutula**. The constant use of the circumflex accent upon penultimate vowels indicates the recognition of the stress. But perhaps the most remarkable thing about Cardoso's work (...) is that his word-division seems almost perfectly conjunctive. Despite the fact that the Kongo is written interlineally beneath the Portuguese, Cardoso's word-division is practically unaffected by that of the Portuguese — unconsciously he has recorded the words as they were spoken. (DOKE, 1961, p. 9)

1.3 Catecismo de Francesco Pacconio e António do Couto (e Antonio Maria de Monte Prandone)

Francesco Pacconio (1589–1641), um missionário jesuíta italiano ao serviço do Padroado português nos reinos de Ngola e Ndongo, deixou-nos a primeira, embora modesta, descrição do (Cahenda-Mbaca) Quimbundo (cfr. FERNANDES, 2015b) e de uma língua africana nas primeiras páginas do ca-

tecismo *Gentio de Angola sufficientemente instruido nos mysterios de nossa sancta Fé* (Lisboa, 1642), tradução portuguesa, simplificação e adaptação aos ambundos por António do Couto (1614–1666). Trata-se de um catecismo católico com as orações cristãs mais frequentes, como o sinal da cruz (“quiximbuête quia sãta Cruz”), o “Padre nosso”, a “Ave Maria”, a “Salve Rainha”, o “Credo”, os “Mandamentos da ley de Deus”, os “Mandamentos da Sancta Madre Igreja”, o “Acto de Contrição”, a “Confissam geral”, uma exposição da doutrina cristã em 14 diálogos entre um discípulo (perguntas) e o seu mestre (respostas), e, por fim, uma “Ladainha de Nossa Senhora” em Latim.

Depois do prólogo, Pacconio e Couto escreveram seis páginas sobre as *Advertencias para se ler a lingua de Angola* (p. [XIV]-[XIX]). Eles sistematizam 10 regras sobre como ler e pronunciar a língua de Angola. É importante salientar que, como demonstrou Carlota Rosa (2013: 32-34), o nome “Angola” não corresponde ao termo contemporâneo geopolítico da atual República de Angola. As suas fronteiras atuais foram fixadas *mutatis mutandis* depois da Conferência de Berlim (1884–85). No século XVII, “Angola” significava a parte noroeste da atual República de Angola e a parte sudoeste da República Democrática do Congo, isto é, o Reino dos Ngola, que era habitado pelos ambundos (Mbundu) e falavam Quimundo (Ki-Mbundu). Em síntese, para Pacconio e Couto, a língua de Angola:

- nunca termina em consoante, exceto alguns advérbios interrogativos;
- não tem vogal seguida de consoante oclusiva e líquida³;
- não duplica o <r>, quer no princípio quer no meio da palavra;
- nos nomes e verbos que começam pelas consoantes B, D, G, V e Z precede ordinariamente o grafema <n>;
- nos nomes e verbos que dobram grafemas em qualquer sílaba, estas devem pronunciar-se como dois grafemas e não como simples, uma vez que na pronúncia têm diferentes sentidos, como, por exemplo, “ngila” (um tipo de pássaro) e “ngilla” (caminho): “Mo ngilla ngagibi ngila imoxi” (No caminho matei um pássaro);
- nos nomes e verbos, o grafema <v> antes de vogal pronuncia-se sempre como consoante, como “atu ávula” (muitas pessoas), exceto quando estiver no princípio ou no meio do nome ou do verbo com diérese (trema colocada por cima do grafema), que se pronuncia como vogal, como exemplo,

³ José de Anchieta, S.J. (1534–1597), canonizado pelo Papa Francisco em 3 de abril de 2014, descreveu o mesmo para o Tupinambá: “Nesta lingoa não ha f. l. s. z. rr. dobrado nem muta com liquida, vt cras, pra, &c.” (ANCHIETA, 1933 [1595], p. 1).

- “üandanda üenda mo üanda üae” (a aranha anda pelas suas teias);
- as sílabas com “gue, gui, que, qui” pronunciam-se como em Português como consoantes velares (/g/ e /k/) e não como palatais e alveolares (/ʒ/ e /s/);
 - algumas vezes é permitida a sinalefa, fundindo numa sílaba duas vogais sucessivas, como “makamb’ami” em vez de “makamba ami” (meus amigos);
 - a “letra” <i> é muitas vezes a consoante palatal /ʒ/, como “jaoâba” (bonito);
 - finalmente — e talvez a nota mais interessante —, o acento tem função distintiva, isto é, o acento é um fonema, uma vez que, às vezes, o significado da palavra varia conforme a localização do acento, como, por exemplo: “múcua” (nome de uma fruta) e “mucuà” (lugar de nascimento), “culûa” (assistir ao que come, para que lhe dê alguma coisa) e “culuà” (lutar, ou “pellejar”):

Finalmente se aduirta que he muito necessario pronunciar o nome, ou verbo com accento no fim, quando o tem: & tambem nam se pronunciar quando o nam tem, porque muitas vezes se achaõ nomes, & verbos, que tem diuersa significaçam daquelles que tẽ, ou nam tem acento no fim. Exemplo. *Múcua*, & *Mucuà*. *Múcua*, he hũa certa fruita, & *Mucuà* quer dizer natural de tal parte, acrescendandolhe a terra de dõde he natural. Exemplo. *Mucuà Ndongo*, natural do Reyno de Dongo. *Mucuà Matamba*, natural da Prouincia de Matamba. *Culûa*, assistir ao que come, para que lhe dê algũa couza, & *Culuà*, quer dizer pelejar, &ctae. (Pacconio & Couto 1642: [XVIII] – [XIX]).

Em 1661, o italiano António Maria de Monte Prandone, O.F.M. (1607–1687)⁴, um missionário capuchinho que foi para Luanda na missão de 1648 (ZWARTJES, 2011, p. 298), publicou em Roma, na Congregação da Propaganda Fide, a segunda edição do *Gentio de Angola*, com a tradução latina, intitulada *Gentilis Angolae fidei mysteriis*. Não se trata apenas de uma tradução do catecismo de Pacconio e Couto, mas Monte Prandone acrescenta algumas observações linguísticas, para além de outras orações em Latim. Por exemplo,

⁴ O *Lexicon Capuccinum* refere-se a um *Catechismus pro regno Matambae, lusitanico, latino et eius regni idiomate* (Romae 1661) e há uma carta de Monte Prandone ao Secretário da Propaganda Fide onde refere que há vários catecismos em Quicongo: “Molti mesi sono presentai V. S. Il.^{ma} e Revu.^{ma} alcuni Catechismi per i Sacramenti in lingua Conghese, e con la lettera Dedicatoria à lei medesima, jn ordine ad esser presentati à cotesti Eminentissimi per la stampa” (MONTE PRANDONE citado por BRÁSIO, 1981, vol. XII, p. 314). Estas duas citações são contraditórias, uma vez que na Matamba a língua falada era, aparentemente, o Quimbundo e não propriamente o Quicongo.

nas “Observationes in legendo idiomate Angollae” ([XIII]-[XVI])⁵, acrescenta uma nova “observação”, a nona, renumerando as restantes: “Hae syllabae *anha. anhe.* pronunciantur, vt pronuncietur apud Italos, ana, ane. Item *ge. gi.* pronunciantur vt *ghe. ghi.* Item *chi, cho.* faciunt ci. ciò.” (Pacconio, Couto & Monte Prandone 1661: [XV]). Em outras “observações”, Monte Prandone acrescenta pormenores da fonética latina ou italiana, como, e.g.:

– “Observação” n.º 3:

Nunquam ingeminate literam R. seu sit in principio nominis, seu in medio. Exempl. *Ririmi.* idest lingua. *Ritui.* auris: *Rigimbuluilo:* Declaratio. Quare si nomen aliquod inueniatur, quod incipit per R. non duplicabitur haec litera, sed pronuncietur veluti penultima *Marisco, Maringo, (sic)* [em vez de “marinho”?!] &c. Lusitane, vel Latine malignum (?!). priscum, &c. (PACCONIO, COUTO & MONTE PRANDONE, 1661: [XIII])

– “Observação” n.º 6:

Quoties in nomine, aut verbo reperitur haec litera V. de vocali pronunciarum debet, vt consonans. Exempl. *Atu àvula.* multae personae. *Rierino ngavnu Missa yàuula.* hodie audiui multas Missas. Quemadmodum pronuncietur Lusitana lingua Vultu. vida, verdade, &c. Item & Latina Vultus, vita, veritas, &c. & quando reperiatur hoc verbum, seu sit in principio nominis, seu in medio cum duobus punctis supra ante vocalem, pronuncietur sicuti vocalis. Exempl. *üandanda, üenda mo üanda üae.* Aranea vadit per suas telas. *Iye uegile rierino, mucuenu uiza mungu:* Tu venisti hodie, cras veniet tuus focus. (PACCONIO, COUTO & MONTE PRANDONE, 1661: [XIV])

– “Observação” n.º 7:

⁵ Doke não está correto quando afirma que Monte Prandone “included tree pages of ‘Observationes in legendo idiomate Angollae’ in preface” (DOKE, 1961, p. 11), uma vez que na edição de 1661 há 11 “observações”, das quais 10 existiam na edição de 1642 e os autores eram Pacconio & Couto. Não parece, assim, que Doke tenha conhecido a *editio princeps*.

Quando inuenientur in nominibus, aut verbis hae syllabae *Gue, Gui, Que, Qui*, pronunciandae erunt sicuti lingua Lusitana; vel vt pronunciantur Italiana, *Ghe, Ghi, Chje Chi*. nam Lusitane pronunciantur isto modo. vt Italiana lingua *Ghe, Ghi, &c.* EXempl. in lingua Angollae *Ngeza*, Ego venio. *Ngui*, cortex cuiusdam arboris. *Enèunque*, ideo. *Eunquèlo*, funis. *Quìrio*, pes. *quitumba*, nemus. saepe etiam inuenitur pronunciari. o. u. sicut in Latino idiomate quaero, quaestus, & vt cognoscatur id, seiungiturea litera nominis e sequentibus in nomine, aut verbo. Exempl. *Egn'e*, ita est. *Nguu'essu, Ngu'etu*, non volumus, *Ngue'nu*, vos non vultis. (PACCONIO, COUTO & MONTE PRANDONE, 1661: [XIV]-[XV])

– “Observação” n.º 10 (9ª na edição de 1642):

Litera I. quando in hoc idiomate Angollae deseruit pro consonante, vel pro j. elongato. aliquando pro vocali: Quando fuerit consonans, vel elongatum, debet deseruire, vt deseruit in idiomate Lusitano manjar. Monja, &c. in idiomate Angollae, quod est idem quo in lingua Italiana vtitur vt *gia. gie*. nam manjar. monja Lusitane, sunt idem quod Italice mangiatr. vel mongia. Ergo in idiomate Angollae itidem pronunciabuntur nomina, vel verba vbi adsit j. elongatum, seu caudatum. Exempl. *Ginzò jami jaoàba*. meae res sunt pulchrae. idest pronunciandae eae syllabae erunt, vt pronunciarentur Italicae, *Ginzò giami, giaòba*. Talem mollem vim habet j elongatum Lusitane, qualem Italice gi quae litera igota dicitur apud Hispanos, & contrarie pronunciatur: facit enim quasi gutturale ghi. ghe Italice. (PACCONIO, COUTO & MONTE PRANDONE, 1661: [XV])

Efetivamente, Monte Prandone não é um mero tradutor latino do catecismo português de Pacconio e Couto, mas deve ser considerado também seu coautor, uma vez que tem reflexões linguísticas (e religiosas) particulares sobre a língua de Angola.

1.4. Catecismo e Gramática do Congo de Giacinto Brugiotti da Vetralla

Giacinto Brugiotti da Vetralla (1601–1659), um missionário capuchinho italiano no Congo, reedita, pela Propaganda Fide, o catecismo⁶ (Lisboa 1624) de Marcos Jorge, Inácio Martins e Mateus Cardoso, acrescentando as versões latina e italiana, com o título *Doctrina Christiana ad profectum missionis totius regni Congi in quatuor linguas per correlatiuas columnas* (Roma 1650).

Também publicou — muito mais importante para nós, embora fora do escopo do nosso trabalho, por não ter o Português como metalingua — a primeira gramática de uma língua bantu com o título *Regulae quaedam pro difficilimi Congensium idiomatis faciliiori captu ad grammaticae normam redactae* (Roma 1659), de que foi reeditada, mais de 200 anos depois (Luanda 1886), uma tradução portuguesa com o título *Regras para, mais facil intelligencia do difficil idioma do Congo, reduzidas á forma de grammatica por Fr. Jacintho Brusciotto*, pelo bispo de Angola e Congo (1884-1891) António Tomás da Silva Leitão e Castro (1848-1901).

Neste trabalho, Brugiotti da Vetralla procura seguir a gramática latina, mas, devido às grandes diferenças entre esta e as línguas “europeias”, “introduces a considerable amount of novel metalinguistic terminology, or uses existing terms with new senses.” (ZWARTJES, 2011, p. 217). Vetralla, logo desde o início, percebe, por exemplo, que não deve chamar declinações às “variações” dos vocábulos, mas antes “princípios” (“principiationes”): “Et primo aduertendum hic generaliter est, quod in ista lingua non attendendae sunt Declinationes, sed potius Principiationes” (VETRALLA, 1659, p. 1). A estas “princípios”, Vetralla chamou “artigos”, por se tratarem de prefixos, isto é, componentes lexicais colocados antes dos nomes. Brugiotti da Vetralla

⁶ O catecismo indica a data de 1650 e a autorização do Superior é de 15 de julho de 1650. Contudo, há também uma “ata” nos arquivos da Propaganda Fide, datada de 8 de outubro de 1658, referindo que Vetralla solicita a impressão de um catecismo (“Rosario”) e de uma gramática (“Regole”) na língua do Congo: “Relationes Eminentissimi Cardinalis Brancatij. F. Giacinto da Vetralla Capuccino, Prefetto delle Missioni del Congo, supplica di poter stampare un Rosario tradotto dall’usato à recitarsi in Italiano, in lingua Conchese, et Abunda, nella stamparia della S. Congregatione, et un foglio con alcune Regole più necessarie per apprendere quelli difficultosi linguaggi. Supplica anche de qualche numero delle Dottrine fatte stampare da lui in lingua Conchese per dispensarle nell’occorrenze” (Vetralla citado por BRÁSIO, 1981, vol. XII, p. 157 e 178). A gramática (ou as “Regole” / “Regulae”) foi efetivamente publicada em 1659, mas não temos conhecimento de uma reedição do catecismo ou de qualquer outro “Rosario” da autoria de Vetralla.

descreveu 8 classes diferentes de “princípios”, embora não tenha tratado o plural como uma diferente classe, mas tendo-o integrado na mesma classe (ZWARTJES, 2011, p. 217).

Um aspeto que aproxima Brugiotti da Vetralla de, por exemplo, Pacconio e Couto é o facto de ele descrever que as palavras começadas por certas consoantes (, <d>, <p>, <s>, <z> e <v>) se pronunciam com uma aspiração inicial marcada ortograficamente com o grafema <n>: “Aduertendum quoque generaliter est, quod verba, seu dictionis huius linguae incipientia a litteris B, D, P, S, Z, & V, quando stat pro consonanti requirunt ante se litteram N, cuius virtute oneretur vox illa in sua pronunciatione.” (VETRALLA, 1659, p. 12)

1.5 A Arte da lingua de Cafre de Moçambique

Há bastantes referências a obras manuscritas desaparecidas de línguas faladas no atual território de Moçambique escritas por missionários portugueses ou ao serviço do padroado português, com designações muito variadas, como língua de Sena, língua Monomotapa, língua dos Cafres, etc. (FERNANDES, 2015c). Felizmente, conserva-se uma cópia do século XVIII da *Arte da lingua de Cafre*, cujo original deve ter sido escrito por volta de 1680. Trata-se de um caderno do códice 49-v-18 (entre os fólhos 201 e 223) da Biblioteca da Ajuda, em Lisboa, e pertence à coleção “Jesuítas na Ásia” da série “Província da China”. Esta coleção é constituída por 61 volumes e foram copiados entre 1744 e 1746, por João Alvares, por orden do Provincial de Japão Domingos de Britto, a partir de documentos existentes no arquivo dos Jesuítas do Colégio da Madre de Deus, em Macau (BOXER, 2002, vol. I, p. 173; 1938, p. 265).

Esta obra é constituída por 23 fólhos (45 páginas) e foi estudada pela primeira vez por Paul Joachim Schebesta, S.V.D. (1887–1967) em 1920. Por seu turno, o linguista missionário Clement Martyn Doke (1893–1980) também analisou a obra e demonstrou que a mesma foi prejudicada pela ignorância linguística do copista. Por exemplo, Doke refere que “a large number of unintelligent copyist’s errors, e.g. **chifua rácò** instead of **chifua chácò** — the copyist evidently understood nothing of the concord” (DOKE, 1961, p. 18), “and the result is a confusing jumble of examples as far as concord is concerned.” (DOKE, 1961, p. 19)

A *Arte da lingua de Cafre* descreve uma língua nativa da zona central de Moçambique, do vale do rio Zambeze, falada nas províncias de Tete, Sofala, Manica e Zambézia. O seu autor procura semelhanças com a gramática latina, como, por exemplo, a declinação dos nomes, embora refira que estes sejam indeclináveis:

(...) a lingua de Cafre he *muita* limitada e não copioza como as outra linguas. Os nomes substantivos são indeclinaveis e sem caso: alguns delles tem numero plural e são raros, dos outros he necessario ajuntar lhes o adjectivo, muito (...) o adjectivo *ziziñgi* ou *zindzinígi* (...) e assim diremos *soma zindzinígi* [peixes muitos]. (ANÓNIMO, ca. 1745 [ca. 1680], f. 201 r)

Esta lingua por ser muito limitada he *muito* falta de palavras; nem tem generos masculino femenino, e neutro em suas adiectiuacoens. So tem alguã mudança de letras em seu adjectiuo. V. g. Bonus bona bonum coza boa, *chin tû chô cû comã*. (ANÓNIMO, ca. 1745 [ca. 1680], f. 204 v)

Também no capítulo relativo ao verbo e às conjugações, procura o seu autor uma aproximação com a gramática latina, procurando os mesmos tempos e modos, como, por exemplo:

(...) os Verbos nesta lingua tem todos os tempos; presentes preteritos, futuros: todos os modos, indicatiuos, e infinitos os quaes tẽ simples pronunciaçãõ; se os pronomes; Ego, tu, ille, nos vos illi uariã quando se ajuntã aos Verbos dos quais nenhũ tem incremento (ANÓNIMO, ca. 1745 [ca. 1680], f. 205r)

Em síntese, a *Arte da lingua de Cafre* não tem qualquer fundamentação teórica e descreve a morfologia com algumas anotações sintáticas, terminando com uns temas de conversação corrente. Não concordamos totalmente com Schebesta quando ele afirma que o manuscrito é, sem dúvida, o idioma Sena (ou Chisena) e que não pode ser a língua de Tete (ou Chinyungwe) (SCHEBESTA, 1919-1920, p. 765). Até ao momento, inclinamo-nos mais para pensar que se trata de uma espécie de língua geral falada na zona central de Moçambique, com uma mistura entre o Chisena e o Chinyungwe (ver FERNANDES, 2015c; ver também ZWARTJES, 2011, p. 236-242).

Apesar dos erros de transcrição do copista, trata-se de um trabalho pioneiro e tem o grande mérito de ser a primeira gramática conhecida que descreve uma língua falada em Moçambique e uma das primeiras de uma língua bantu.

2. Descrições de Línguas Africanas no Brasil

O comércio de escravos entre África e o Brasil foi efetivamente massivo, a partir de vários reinos da costa ocidental mas o Golfo da Guiné, Congo e Angola prevaleceram sobre todos os outros. No final do século XVII, por exemplo, a estimativa anual era de 36 000: do Golfo da Guiné, 19 400; da região do Congo-Angola, 11 000; e da costa oriental, 5 700 (THORNTON, 1998, p. 118). Por isso, os missionários a trabalhar no Brasil precisavam de os entender e comunicar com eles, por forma a os converter à fé católica, seu principal objetivo.

2.1 A *Arte da Lingua de Angola* de Pedro Dias

No final do século XVII, em 1697, Pedro Dias, S.J. (1621/1622-1700) publicou em Lisboa, embora escrita no Colégio jesuíta da Bahia, a segunda gramática de uma língua bantu, a *Arte da Lingua de Angola, oeferecida (sic) a Virgem Senhora Nossa do Rosario, Mãe, e Senhora dos mesmos Pretos*, com a supervisão de Miguel Cardoso, S.J. (1659-1721), nascido em Angola e falante nativo do Quimbundo. Trata-se da gramática de uma língua africana em contexto missionário e colonial mais estudada até aos dias de hoje. Vejam-se, especialmente, os estudos mais modernos de Emilio Bonvini (1996, 2008 e 2009), Ronaldo Batista (2002a, 2002b e 2004), Joseph Abraham Levi (2009: 382-386), Otto Zwartjes (2011: 220-235) e, sobretudo, Carlota Rosa (1997, 2006, 2010, 2011, 2012 e 2013).

A gramática de Dias é uma obra pioneira, embora aparentemente simples e de reduzida dimensão. Tem apenas 48 páginas, nenhuma análise teórica, apresentando uma síntese da ortoépia e da ortografia quimbunda, a morfologia e algumas regras de sintaxe. Tem clara e comprovadamente duas fontes principais, o catecismo *Gentio de Angola* de Pacconio e Couto (Lisboa 1642) e a *ars minor* da gramática latina *De institutione grammatica libri tres* (Lisboa 1573) de Manuel Álvares, S.J. (1526-1583). Pela análise da obra, também fica claro que Dias não conheceu a edição *Gentilis Angollae* (Roma 1661) de Monte Prandone nem as *Regulae quaedam pro difficilimi Congensium idiomatis faciliiori captu ad grammaticae normam redactae* (Roma 1659) de Brugiotti da Vetralla.

Acerca da pronúncia, em particular nas “Advertencias de como se hade ler, & escrever esta Lingua” (p. 1-4), Dias é influenciado pelas “*Advertencias para se ler a lingua de Angola*” (p. [XIV]-[XIX]) de Pacconio e Couto, que cita por duas vezes. No entanto, Dias não se limita e reproduzir o que havia sido escrito pelos seus precursores, mas apresenta novas análises e conclusões. Por

exemplo, Dias refere que há 12 partículas para qualificar os substantivos, 8 para o singular e 4 para o plural: “Tem doze particulas para adjectivar o sustantivo com os adjectivos. Oito são para o singular. v.g. *Ri, v, i, qui, ca, cu, lu, tu*. Para o plural são as seguintes: *A, i, gi, tu*. v.g. *Tatarinène*, grande pay. *Atuanème*, pessoas grandes” (DIAS, 1697, p. 2). Embora Dias não tenha detectado que estava perante uma língua prefixal, teve a noção clara da existência dos prefixos, a que chamou partículas. Veja-se a título de exemplo:

Acrescentando a estas particulas a letra A, & collocadas entre dous sustantivos, fazem possessivos: para o singular, v.g. *Rià, ùà, yà, quià, cà, cuà, luà, tuà*. Exemplo. *Nginariàzambi*, nome de Deos, &c. Para o plural são as seguintes: *À, yà, già, tuà*. Exemplo. *AnaaManino*, filhos de Manoel. Advirta-se com tudo que pondo-se hũa destas particulas por outra, não muda o sentido, mas he impropriedade do idioma da lingua, & da grammatica (DIAS, 1697, p. 2-3).

Dias foi claramente influenciado pela gramática latina de Manuel Álvares, mas, como tivemos oportunidade de demonstrar recentemente (FERNANDES 2015c), não se deve considerar a *editio princeps* da *ars maior* (Lisboa 1572), mas a versão reduzida ou *ars minor* da *De institutione grammatica libri tres* (Lisboa 1573) (ver KEMMLER 2013; 2015). Contudo, Dias não se limitou a transpor a gramática latina e encontrou, especialmente na parte da morfologia, algumas idiosincrasias na língua de Angola, como, por exemplo:

(...) não tem esta lingua declinações, nem casos; mas tem singular, & plural, v.g. *Nzambi*, Deos. *Gimzambi*, Deoses. (DIAS, 1697, p. 4);

(...) não tem declinação, nem variedade de casos, como tem os pronomes Latinos, & servem de nominativos, & dos mais casos sem variedade dos ditos pronomes. Também servem de voz de chamar, fazendo vezes de *O*, vocativo dos Latinos, v.g. *Eyè mucuà henda*, ò clemente, ò piedosa.” (DIAS, 1697, p. 8);

Naõ tem os Ambundos casos, & por isso respondem pela mesma pessoa, & proposições, pelas quaes se faz a pergunta. v.g. *Nzambi ùazola atu osso?* Deos ama a todos? *ùazôla*: ama. O exemplo está na pergunta, & verbo, *ùazola*; à qual se responde com o mesmo verbo *ùazola*, & pessoa *ùà*. (DIAS, 1697, p. 39);

Naõ tem esta lingua verbo passivo, donde para dizerem, Deos he amado dos homens, dizem: *Omala azola nzambi*, os homens amaõ a Deos: pondo o verbo na activa. Tambem para dizerem, os homens saõ amados de si, dizem: *Omala arizola*, os homens se amaõ a si. O mesmo he nas mais pessoas, entrepondo sempre a particula *Ri*. (DIAS, 1697, p. 22);

(...) naõ tem esta lingua Generos; explicaõ-se porèm pelos sexos femenino, ou masculino. v.g. *Yalla*, macho. *Ngana yaalla*, senhor. *Muhetu*, femea. *Ngana ya muhetu*, senhora, &c. (DIAS, 1697, p. 23-24).

Outro assunto interessante que tem ocupado os especialistas é saber a língua que Dias está descrevendo. Ele nunca se refere ao Quimbundo, mas sempre à “*lingua dos Ambundos*” (13 vezes), “*lingua de Angola*” (2 vezes), “*lingua angolana*” (2 vezes), “*lingua ambunda*” (uma vez), e a algumas expressões neutras, como “*nesta lingua*” (7 vezes), “*esta lingua*” (4 vezes) e “*desta lingua*” (uma vez). Contudo, tem sido (quase) consensual entre os investigadores de que se trata do Quimbundo do século XVII falado no Brasil, quer no Rio de Janeiro quer na Bahia, pelos escravos e pelos traficantes de escravos oriundos da região centro-oeste de África, particularmente de Angola e do Congo.

Contudo, nos últimos tempos um grupo de bantuístas liderados por Jean-Pierre Angenot e Vatomene Kukanda, estão estudando os 9 dialetos do Quimbundo (Mbaka, Ntemo, Puna, Jinga, Kadi, Mbamba, Sende, Dembo e Lwangu) e concluíram que a língua da *Arte* de Dias é uma variante dialetal, isto é, o subdialeto Kahenda do Mbaka, dialeto do Quimbundo, falado nos subúrbios da missão jesuítica de Cahenda, que ficava perto de Ambaca, hoje localizada na província do Cuanza-Norte de Angola, de onde seria natural Miguel Cardoso, que supervisionou a obra (ANGENOT, KEMPF e KUKANDA, 2011, p. 233).

O problema maior é que a missão de Santo António de Cahenda estava sob a tutela dos Capuchinhos e não propriamente dos Jesuítas (ver, por exemplo, BORTOLAMI, 2012, p. 104; AZEVEDO, 2000, p. 56) e nem António Brásio, C.S.Sp (1906–1985) nem Francisco Rodrigues, S. J. (1873–1956) referem qualquer colégio jesuítico lá. Por outro lado, Serafim Leite, S.J. (1890–1969) (1940, p. 258) refere explicitamente que Miguel Cardoso era natural de Luanda e entrou na Companhia de Jesus no Brasil, no Colégio da Bahia, em 1674, quando tinha 15 anos de idade. Por isso, não parece provável que Miguel Cardoso falasse o subdialeto Kahenda-Mbaka mas, eventualmente, o dialeto Akwa-Loanda falado em Luanda no século XVII.

A comprovar-se, no entanto, a tese de Angenot, Kempf e Kukanda, será interessante verificar que os Jesuítas terão usado (e imposto) uma variante de um dialeto do Quimbundo como língua geral entre os escravos oriundos daquela região centro-oeste africana.

2.2 O *Catecismo na língua dos Ardas* de Manuel de Lima

Há uma (breve) referência a um *Catecismo na língua dos Ardas*⁷, escrito pelo angolano Manuel de Lima, S.J. (ca.1667–1718), por volta de 1708, que nunca terá sido impresso e terá circulado entre os jesuítas em forma manuscrita. É o próprio Manuel de Lima quem o afirma numa carta, datada de 28 de julho de 1708, ao Superior Geral da Companhia de Jesus, Michelangelo Tamburini (1648–1730). Nessa carta, refere ainda que ele falava Quimbundo e era o único padre da Companhia de Jesus a conhecer a língua dos Ardas, de que fez um catecismo enquanto missionava na Bahia (LEITE, 1940, p. 258; 1949a, vol. VII, p. 275; 1949b, vol. VIII, p. 318). Recorde-se apenas que o reino de Arda estava situado a este de S. Jorge de Mina, na atual República do Benim sob a jurisdição de Portugal, dependia religiosamente da diocese de São Tomé, desde 1534, e era o mais poderoso reino nesta área nos séculos XVI e XVII (FERNANDES, 2012, p. 34).

2.3 A *Lingoa Geral de Mina* de António da Costa Peixoto

António da Costa Peixoto (1703–1763), nasceu na freguesia de Torrados (São Pedro), concelho de Felgueiras, atualmente no distrito do Porto, norte de Portugal, e faleceu na freguesia de Santo António da Casa Branca (atualmente Glaura), no termo de Vila Rica (agora Ouro Preto), no Estado de Minas Gerais. Foi um emigrante português no Brasil, leigo, e desempenhou funções de escrivão e de juiz de vintena (ARAÚJO, 2013), e escreveu um vocabulário da língua Mina.

Deste vocabulário, conservam-se dois manuscritos em bibliotecas portuguesas, ambos ainda em vida do seu autor: *Alguns apontamentos da lingoa Minna com as palavras portuguezas correspondentes* (Biblioteca Nacional de Portugal) é constituído por 14 fôlios não numerados e tem a data de 1731; e a *Obra nova da Lingoa geral de mina, traduzida, ao nosso Igdioima por Antonio*

⁷ Apenas conhecemos um catecismo da língua dos Ardas. Foi publicado em Madrid em 1658, pela Ordem dos capuchinhos, para a Missão de 1659. Tem o título *Doctrina Christiana, y explicacion de sus misterios, en nuestro idioma Español, y en lengua Arda*. Trata-se de um trabalho coletivo, mas foi liderado por José de Nájera com a colaboração de Vans, mais tarde batizado como Felipe Zapata, emissário do rei de Arda, Tojonu (FERNANDES, 2012).

da Costa Peixoto, Naciogal do Reino de Portugal, da Provincia de Entre Douro e Minho, do comcelho de Filgueiras (Biblioteca Pública de Évora), é de 1741 e tem a localidade de S. Bartolomeu (perto de Vila Rica), sendo constituído por 42 páginas. O segundo manuscrito é o desenvolvimento do primeiro e foi impresso pelo bibliotecário-arquivista Luís Silveira (1912–2000) em 1944 e 1945, sem algumas passagens, censuradas pelo Estado Português, que inclusivamente apreendeu a edição de 1944 (FERNANDES, 2012, p. 30). A razão principal para a elaboração do vocabulário terá sido evitar problemas de comunicação entre os proprietários de escravos e os próprios escravos:

Se todos os senhores de escravos, e hinda os que os não tem, souvecem esta lingoage não sucederão tantos insultos, ruhinas, estragos, roubos, mortes, e finalmente cazos atrozes, como muitos miseraveis tem expremetado: de que me parece de algũa sorte se poderião evitar alguns destes descomsertos, se ouvece maior curuzidade e menos preguisa, nos moradores, e abitantes destes payses (PEIXOTO, 1741, p. 5-6).

Este manuscrito é um importante registro histórico da língua falada pela população escrava em Minas Gerais, no século XVIII, particularmente em Vila Rica (Ouro preto), onde a população era maioritariamente de origem africana, sobretudo da Costa dos Escravos, no Golfo do Benim. Tratava-se de uma população que não falava qualquer língua bantu, mas línguas Ewe-Fon da família das línguas Kwa. Yeda Pessoa de Castro adotou, por isso, a denominação de língua Mina-Jeje e situou-a dialetologicamente no grupo desde as línguas Aja (pertença das línguas Gbe) até às variantes Aja-Ewe e Aja-Fon (CASTRO, 2002, p. 47). Por seu turno, Aryon Rodrigues (1925-2014) referiu que esta língua pertence ao grupo Ewe e se trata de uma língua Fon:

(...) pelo menos 90% dos dados do manual de Costa Peixoto foram imediatamente reconhecíveis, não só os vocábulos soltos, mas igualmente as sentenças, de modo a não deixar dúvidas de que a língua em questão pertence ao complexo dialectal Ewe e coincide sobretudo com o Fõ (RODRIGUES, 2003, p. 93).

A *Obra Nova* tem, na totalidade, 899 palavras africanas, 426 palavras isoladas e 473 inseridas em pequenos diálogos e frases pequenas (RODRIGUES, 2003, p. 93-94), registrando a atividade social naquela realidade sócio-histórica específica, como as relações entre os proprietários e os escravos, atividades

profissionais, processos de socialização, cenas domésticas, doenças e saúde, corpo humano e as suas funções, casa, família e sexualidade, roupas, comidas, bebidas, flora, fauna, divindades, instrumentos de trabalho, capacidades e imperfeições e, até, pornografia (CASTRO, 2002, p. 151-185).

O manuscrito, ao utilizar diferentes diacríticos, mostra que o seu autor pode ter reconhecido que estava perante uma língua tonal, com três tons distintos: o acento agudo parece indicar o tom mais alto; o acento circunflexo, o mais baixo; e o til, as vogais nasais. Peixoto registrou também que a composição por justaposição terá sido bastante comum na língua Mina e que a estrutura sintática da frase Mina seria composta por Circ+S+V+C+Circ (Circunstante + Sujeito + Verbo + Complemento + Circunstante).

A *Obra Nova* tem já também o registro de palavras e estruturas sintáticas próprias do português brasileiro. A utilização do verbo “chingar” (PEIXOTO, 1741, p. 35), por exemplo, é claramente um brasileirismo, não se encontrando registrado em nenhum dos lexicógrafos portugueses de seiscentos nem de setecentos. Há também alguns exemplos com a construção com dupla negação. Vejam-se os seguintes casos:

- “(...) màtim vihâ = não tem filhos naõ” (Peixoto 1741: 15);
- “(...) hè mà gam dume hâ = não me mordeo naõ” (PEIXOTO, 1741, p. 37);
- “(...) hémá bouhâ = não corta naõ” (PEIXOTO, 1741, p. 39).

Estes exemplos são ainda mais interessantes pelo fato de as partículas / advérbios de negação utilizados na língua Africana serem diferentes (“mâ” e “hâ”), conforme estão utilizados antes ou depois do verbo.

Em síntese, a *Obra nova da Lingoa geral de mina* é um importante documento histórico da realidade linguística de Minas Gerais na primeira metade do século XVIII, porque prova que: os escravos não falavam nenhum pidgin ou crioulo; eles não faziam uso da língua portuguesa; com a utilização da designação de “língua geral de Mina”, significa que era uma língua de comunicação entre eles, uma espécie de *lingua franca*; e, ainda mais importante, é o primeiro documento histórico conhecido que descreve uma língua Kwa, ainda que em território brasileiro, fora, portanto, do seu espaço linguístico próprio.

Conclusões

Apresentamos uma síntese das primeiras descrições das línguas africanas por portugueses ou ao serviço do padroado português e o resumo das conclusões

mais importantes dos investigadores que mais se têm destacado no estudo dessas obras. Apesar de algumas fontes primárias estarem desaparecidas e, portanto, só termos breves referências secundárias sobre a sua existência, situamo-nos no espaço temporal dos séculos XVI, XVII e primeira metade do século XVIII.

Os estudos das línguas africanas têm sido bastante descurados, não só em termos da Historiografia Linguística mas também da Linguística Missionária, sobretudo devido à dificuldade de acesso às fontes primárias. Muitas obras circulavam manuscritas entre os missionários, nunca tendo sido impressas. Contudo, alguns documentos importantes chegaram até nós, quer obras escritas especificamente para o continente africano quer para o americano, especialmente o Brasil, por forma a os missionários e/ou colonos estabelecerem contatos linguísticos com os escravos oriundos sobretudo dos países / reinos do centro-oeste de África. Destacamos, por isso, as obras *Gentio de Angola* (Lisboa 1642; Roma 1661) e *Arte da Língua de Cafre* (ca. 1745 [ca. 1680]) de Francesco Pacconio S.J. (1589–1641), António do Couto, S.J. (1614–1666) e António Maria da Monte Prandone, O.F.M. (1607–1687), e anónimo (fl. ca. 1680), respetivamente, e *Arte da Língua de Angola* (Lisboa 1697) de Pedro Dias, S.J. (1621/1622–1700), e *Obra nova da Língua geral de mina* (Minas Gerais 1741) de António da Costa Peixoto (1703–1763).

Estas duas últimas são particularmente interessantes não só em termos da análise linguística das línguas africanas específicas que descrevem, mas, também, porque são dois registos brasileiros dessas mesmas línguas africanas, demonstrando não só a origem dos escravos mas também — e sobretudo — a realidade social e histórica desses mesmos escravos. São, de fato, dois testemunhos diferentes de duas línguas africanas no Brasil, uma língua bantu e outra da família kwa, que, embora muito distintas entre si e faladas em espaços, eventualmente, diferentes (Rio de Janeiro e Bahia; Minas Gerais e Bahia) influenciaram de sobremaneira o Português Brasileiro.

Referências bibliográficas

Fontes Primárias

ÁLVARES, Manuel. *De institutione grammatica libri tres*. Olyssipone: Ioannes Barrerius, 1572. Online: <http://purl.pt/23043> <http://purl.pt/23121>.

_____. *De institutione grammatica libri tres*. Olyssipone: Ioannes Barrerius, 1573.

- ANCHIETA, José de. *Arte de Gramática da Língua mais usada na costa do Brasil*. Fac-símile da edição de 1595. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1933.
- ANÓNIMO. *Arte da Língua de Cafre*. Biblioteca da Ajuda, Lisboa, manuscrito, coleção “Jesuítas na Ásia”, ca. 1745 [ca. 1680] (Códice Ms. 49-v-18, f. 201-223).
- DIAS, Pedro. *Arte da Língua de Angola, oferecida a Virgem Senhora Nossa do Rosario, Mãe, e Senhora dos mesmos Pretos*. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, 1697.
- JORGE, Marcos; MARTINS, Inácio; CARDOSO, Mateus. *Doutrina Christã. Composta Pelo P. Marcos Jorge da Companhia de IESV Doutor em Theologia. Acrescentada pelo Padre Ignacio Martinz da mesma Companhia Doutor Theologo. De nouo traduzida na lingua do Reyno de Congo, por ordem do P. Matheus Cardoso Theologo, da Companhia de IESV*. Lisboa: Geraldo da Vinha, 1624.
- PACCONIO, Francisco & COUTO, António do. *Gentio de Angola sufficientemente instruido nos mysterios de nossa sancta Fé. Obra posthuma, composta pello Padre Francisco Pacconio da Companhia de Iesu. Redusida a methodo mais breve & accomodado á capacidade dos sogeitos, que se instruem pello Padre Antonio do Couto da mesma Companhia*. Lisboa: Domingos Lopes Rosa, 1642.
- PACCONIO, Francesco; COUTO, António do; MONTE PRANDONE, Antonio Maria de. *Gentilis Angollae fidei mysteriis Lusitano olim idiomate per R. P. Antonium de Coucto Soc. Iesv Theologum; nunc autem Latino per Fr. Antonivm Mariam Prandomontanum, Concionatorem Capucinum, Admod. Rev. Patris Procuratoris Generalis Comissarij Socium, Instructus, atque locupletatus*. Romæ: Typis S. Congreg. de Propaganda Fide, 1661.
- PEIXOTO, António da Costa. *Alguns Apontamentos da Língua minna com as Palavras Portuguezas correspondentes*. Manuscrito, Biblioteca Nacional de Lisboa, 1731 (F. 2355 códice 3052).
- _____. *Língua geral de mina, traduzida, ao nosso Igdioma por Antonio da Costa Peixoto, Naciognal do Reino de Portugal, da Provincia de Entre Douro e Minho, do comcelho de Filgueiras*. Manuscrito, Biblioteca Pública de Évora, 1741 (códice CXVI/1-14).
- _____. *Obra nova de língua geral de Mina de António da Costa Peixoto: Manuscrito da Biblioteca Pública de Évora publicado e apresentado por Luís Silveira*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1944.

- _____. *Obra nova de língua geral de Mina de António da Costa Peixoto: Manuscrito da Biblioteca Pública de Évora publicado e apresentado por Luís Silveira*. Lisboa: Agência Geral das Colónias, 1945.
- VETRALLA, Giacinto Brusciotto a. *Doctrina Christiana ad profectum Missionis totius Regni Congi in quatuor linguas per correlatiuas columnas distincta*. Romæ: Typis, & sumptibus eiusdem Sac. Congreg., 1650.
- _____. *Regulae quaedam pro difficillimi Congensium idiomatis faciliiori captu ad grammaticae normam redactae a F. Hyacintho Brusciotto a Vetralla Concionatore Capuccino Regni Congi Apostolicae Missionis Praefecto*. Romæ: Typis S. Congr. de Prop. Fide, 1659.

Fontes secundárias

- ANGENOT, Jean-Pierre; KEMPF, Catherine Barbara; KUKANDA, Vatomene. “Arte da Língua de Angola de Pedro Dias (1697) sob o prisma da Dialetologia Kimbundu”. *Papia* 21:2, 2011, p. 231-252.
- ARAÚJO, Fernando. 2013. “Fome do ouro e fama da obra: Antonio da Costa Peixoto e a «Obra Nova de Lingoa Geral de Mina» – alianças, proximidades e distâncias de um escritor português no Brasil colonial do século XVIII”. Online. Disponível em <http://www.antropologia.com.br/arti/colab/a53-faraujo.pdf> (última Consulta: 02/07/2015)
- AZEVEDO, C. M. (dir.). *Dicionário de História Religiosa de Portugal*. Vol 1: A-C. Lisboa: Círculo de Leitores & Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica Portuguesa, 2000.
- BATALHA, Ladislau. *A Língua de Angola*. Lisboa: Companhia Nacional Editora, 1891.
- BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Linguas difficultosas e linguas peritos. Artes de gramática jesuíticas dos séculos XVI e XVII*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: FFLCH/USP, 2002a.
- _____. “A ‘língua de preto’ e os métodos de descrição na *Arte da Língua de Angola*, de 1697”. *Estudos Lingüísticos XXXI*, 2002b.
- _____. “Regras Gerais e Comparações na *Syntaxe da Arte da Língua de Angola*”. *Estudos Lingüísticos XXXIII*, 2004, p. 1206-1212.
- BONVINI, Emilio. “Repères pour une histoire des connaissances linguistiques des langues africaines. I. Du XVI^e siècle au XVIII^e siècle: dans le sillage des explorations”. *Histoire, Epistémologie, Langage* 18:2, 1996, p. 127-148.
- _____. “Línguas africanas e português falado no Brasil”. Fiorin, José Luiz e Petter, Margarida (eds.), 2008, p. 15-62.

- _____. “Revisiter trois siècles après, ‘Arte da lingua de Angola’ de Pedro Dias S.I. – grammaire kimbundu, rédigée au Brésil, mais publiée à Lisbonne en 1697”. Petter e Mendes (eds.), 2009, p. 15-45.
- BORTOLAMI, G. *I Bakongo: Società, tradizioni e cambiamento in Angola*. Tese de Doutorado, Università degli Studi di Sassari, 2012.
- BOXER, Charles Ralph. *Opera Minora*. 3 vols. Lisboa: Fundação Oriente, 2002.
- _____. “Japanese Christians buried in the Jesuit College Church of Sao Paulo at Macau”. *Monumenta Nipponica*, 1:1, 1938, p. 265-269
- BRÁSIO, António. *Monumenta Missionaria Africana*. Vol II. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1953.
- _____. *Monumenta Missionaria Africana*. Vol VII. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1956.
- _____. *Monumenta Missionaria Africana*. Vol XI. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1971.
- _____. *Monumenta Missionaria Africana*. Vol XII. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1981.
- _____. *Monumenta Missionaria Africana*. Vol XIII. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1982.
- CAPUCHINHOS. *Lexicon Capuccinum; promptuarium historico-bibliographicum Ordinis Fratrum Minorum Capuccinorum (1525-1950)*. Romae: Bibliotheca Collegii Internationalis S. Laurentii Brundusini, 1951.
- CARDOSO, Suzana et alii (eds.). *Quinhentos anos de história lingüística do Brasil*. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. 2002. *A língua mina-jeje no Brasil: um falar africano em Ouro Preto do século XVIII*. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, 2002.
- _____. “African Languages an Brazilian Portuguese: A new approach”. Petter; Mendes (eds.), 2009, p. 47-56.
- DOKE, Clement Martyn. *Bantu: modern grammatical, phonetical, and lexicological studies*. London: Percy Lund, Humphries & Co. for the International Institute of African Languages and Cultures, 1945.
- _____. “The Basis of Bantu Literature”. *Africa: Journal of the International African Institute*, Vol. 18:4, 1948, p. 284-301.
- _____. *The Southern Bantu languages*. London, New York, Cape Town: Oxford University Press, 1954.
- _____. “Early Bantu literature — The age of Brusciotto”. Doke; Cole, 1961, p. 8-26.

- DOKE, Clement Martyn; COLE, Desmond Thorne. *Contributions to the history of Bantu linguistics: Papers contributed by C. M. Doke and D. T. Cole (1935-1960)*. Johannesburg: Witwatersrand University Press, 1961.
- FERNANDES, Gonçalo. “De Institutione Grammatica Libri Tres (1572) de Manuel Álvares (1526-1583)”. *Revista da Academia Brasileira de Filologia*, 4, Nova Fase, 2007, p. 85-99.
- _____. “Review of *Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550–1800*. By Otto Zwartjes”. *Historiographia Linguistica*, 39:2/3, 2012, p. 383-392. DOI: <http://dx.doi.org/10.1075/hl.39.2-3.11fer>
- _____. “A língua geral de Mina (1731/1741) de António da Costa Peixoto”. *Confluência, Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, 43:2, 2012, p. 28–46.
- _____. “Review of *Uma língua africana no Brasil colônia de Seiscentos: O quimbundo ou língua de Angola na Arte de Pedro Dias, S.J.* Edited by Maria Carlota Rosa”. *Language & History*, 58:2 (2015a, no prelo).
- _____. “The first known grammar of (Kahenda-Mbaka) Kimbundu (Lisbon 1697) and Álvares’ *Ars Minor* (Lisbon 1573)”. *Africana Linguistica* 2 (2015b, no prelo).
- _____. “La Lengua del *Arte da lingua de Cafre* (Mozambique, ca. 1745 [ca. 1680])”. *Actas del VIII Congreso Internacional de Lingüística Misionera*. Lima: Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica del Perú (2015c, no prelo).
- FIORIN, José Luiz; PETTER, Margarida (eds). *África no Brasil: A formação da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- KEMMLER, Rolf. ‘De institvione grammatica libri tres (Lisboa, 1573): a edição princeps da ars minor de Manuel Álvares’, *Revista Portuguesa de Humanidades, Estudos Linguísticos* 17:1, 2013, p. 43-58.
- _____. ‘The First Edition of the *ars minor* of Manuel Álvares’ *De institvione grammatical libri tres* (Lisbon, 1573)’, *Historiographia Linguistica* 42:1, 2015, p. 1–19.
- LEITE, Serafim. “Jesuítas do Brasil, naturais de Angola”. *Brotéria, Revista Contemporânea de Cultura*, 31:3/4, 1940, 254-261.
- _____. “Padre Pedro Dias, autor da *Arte da Língua de Angola* apóstolo dos negros no Brasil (Nota biobibliográfica)”. *Portugal em África*, 4:2, 1947, p. 9-11.
- _____. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tome VII. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1949a.

- _____. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tome VIII. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1949b.
- _____. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tome IX. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1949c.
- _____. *Breve História da Companhia de Jesus no Brasil — 1549-1760*. Braga: Livraria Apostolado da Imprensa, 1993.
- LEVI, Joseph Abraham. “Portuguese and Other European Missionaries in Africa: A look at their linguistic production and attitudes (1415–1885)”. *Historiographia Linguistica*, 36:2/3, 2009, p. 363–392.
- MARUYAMA, Toru. “Late Seventeenth Century Kimbundu described by Father Pedro Dias S. J. (1)”. *Academia - Literature and Language* 62, 1997a, p. 207-229.
- _____. “Late Seventeenth Century Kimbundu described by Father Pedro Dias S. J. (2)”. *Academia - Literature and Language* 63, 1997b, p. 19-31.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni; MENDES, Ronald Beline (eds.). *Proceedings of the Special World Congress of African Linguistics: Exploring the African Language Connection in Americas*. São Paulo: Humanitas, 2009.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. “Línguas Africanas no Brasil”. Cardoso, Suzana *et alii* (eds.), 2006, p. 117:142.
- PONCE DE LEÓN ROMEO, Rogelio. *Aproximación a la obra de Manuel Álvares. Edición crítica de sus De institutione grammatica libri tres*. Tese de Doutorado. Madrid: Universidad Complutense, 2002. Online: <http://eprints.ucm.es/tesis/fl/ucm-t25106.pdf> (última consulta: 31 de julho de 2015).
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. “As línguas gerais sul-americanas”. *Papia* 4:2, 1996, p. 6-18.
- _____. “Obra nova da língua geral de mina: a língua ewe nas Minas Gerais”. *Papia* 13, 2003, p. 92-96
- _____. “As outras línguas da colonização do Brasil”. Cardoso, Suzana *et alii* (eds.), 2006, p. 143-161.
- RODRIGUES, Francisco. *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Tomo III, Vol. II. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1944.
- ROSA, Maria Carlota. “Línguas bárbaras e peregrinas do Novo Mundo segundo os gramáticos jesuítas: uma concepção de universalidade no estudo de línguas estrangeiras”. *Revista de Estudos da Linguagem* 6:2, 1997, p. 97-148.
- _____. “Reverendo uma das críticas às descrições missionárias”. *Revista de Estudos da Linguagem* 14:1, 2006, p. 203-230.
- _____. “A Arte da língua de Angola (1697) e a gramática latina de Manuel Álvares (1572)”. *Eutomia: Revista Online de Literatura e Linguística*, 2,

- 2010, [1-7]. Online: http://www.revistaautomia.com.br/volumes/Ano3-Volume2/especial-destaques/destaques-linguistica/destaque_a_arte_da_lingua_de_angola.pdf (última consulta: 31/03/2012).
- _____. “Uma gramática jesuíta seiscentista: a *Arte da Língua de Angola*”. *REDE-A Revista de Estudos Afro-americanos*, 1:1, 2011, p. 141-200. Online: http://revista.universo.edu.br/index.php/4revistaafroamericanas4/article/view/460/pdf_7 (última consulta: 31/03/2012).
- _____. *Uma língua africana no Brasil colônia de Seiscentos: O quimbundo ou língua de Angola na Arte de Pedro Dias, S.J.* Rio de Janeiro: 7Letras, 2013.
- SCHEBESTA, Paul. “Eine Bantugrammatik aus dem 17. Jahrhundert: *Arte da língua de Cafre*”. *Anthropos*, XIV-XV, 1919-1920, p. 764-787.
- THORNTON, John K.. *Africa and Africans in the making of the Atlantic World, 1400-1800*. New York: Cambridge University Press, 1998.
- _____. *Warfare in Atlantic Africa, 1500-1800*. London and New York: Routledge, 2003.
- ZIMMERMANN, Klaus. “La construcción del objeto de la historiografía de la lingüística misionera”. Zwartjes, Otto; Hovdhaugen, Even (eds.), 2004, p. 7-32.
- _____. “Koloniallinguistik. Thesen aus iberoromanistischer Perspektive“. Workshop Koloniallinguistik Universität Bremen, 24 – 25 März 2011. Online: http://www.fb10.uni-bremen.de/sksv/kolling2011/kolling_thesen_zimmermann.pdf (última consulta: 01/07/2015).
- ZWARTJES, Otto; HOVDHAUGEN, Even (eds.). *Missionary linguistics / Lingüística misionera: selected papers from the First International Conference on Missionary Linguistics, Oslo, March 13th-16th, 2003*. Amsterdam: John Benjamins, 2004.
- ZWARTJES, Otto. “Tiempo y aspecto verbal en las primeras gramáticas de lenguas bantúes de las misiones católicas (siglos XVII-XVIII)”. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana* VII, 1:13, 2009, p. 233-261.
- _____. *Portuguese Missionary Grammars in Asia, Africa and Brazil, 1550-1800*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2011.

Recebido em 31 de julho de 2015.

Aceito em 30 de setembro de 2015.